

A  
História e Experiência Pessoais do  
Jovem David Copperfield

I  
VENHO AO MUNDO

Se hei-de ser o herói da minha própria existência, ou se outrem deverá ocupar essa posição, é coisa que adiante se verá. Para começar a minha vida no seu verdadeiro início, direi que nasci (como mais tarde me explicaram, e eu acredito) numa sexta-feira à meia-noite. É curioso que o relógio principiou a badalar e eu simultaneamente desatei a chorar.

Considerando o dia e hora do meu nascimento, declarou a parteira (e outras mulheres da vizinhança, que tomaram interesse por mim antes que eu chegasse à idade do entendimento) que estava, em primeiro lugar, destinado a uma vida infeliz; segundo, que seria daqueles que vêm almas do outro mundo — ambos os dons inevitavelmente atribuídos, segundo criam, a todas as crianças do sexo masculino ou feminino que tiveram a pouca sorte de nascer a tais horas de uma sexta-feira.

Não preciso, neste primeiro capítulo, de comentar aquele augúrio, pois a minha história documentará melhor se semelhante predição é confirmada ou rebatida. Quanto à segunda parte do vaticínio, apenas observarei que não aconteceu até agora, a menos que isso ocorresse quando eu andava ainda ao colo. Mas não me queixo da demora, e, se mais alguém for titular da mesma prerrogativa, sinceramente lhe desejo que Deus o preserve dela.

Nasci com uma coifa<sup>1</sup>, que foi anunciada para venda, nos jornais, pela módica quantia de quinze guinéus. Se as pessoas que tencionavam embarcar estavam falhadas de capitais naquela altura, ou se lhes escasseava a fé, preferindo coletes de cortiça, eis o que ignoro; tudo quanto sei é que só houve uma proposta, e esta de um advogado que se dedicava à corretagem, o qual ofereceu duas libras, metade em moeda metade em xerez, recusando-se porém a pagar mais qualquer coisa pela isenção

de naufrágio. De maneira que o anúncio foi retirado com prejuízo, porque quanto ao xerez a minha mãe de bom grado também venderia o seu. E assim, da coifa, dez anos mais tarde fizemos uma rifa. Eram cinquenta bilhetes a meia coroa cada um; quem ganhasse gastaria ainda cinco xelins. Eu estive presente no sorteio e lembro-me de que me senti um tanto constrangido ao ver disporem desse modo de uma parte de mim mesmo. A coifa saiu a uma velha, que trazia um cabaz e que, cheia de relutância, apresentou os cinco xelins em moedinhas de cobre: como faltassem dois dinheiros e meio, levámos imenso tempo a querer demonstrar-lho e consumimos nisso grandes esforços de aritmética. O caso é que a mulher nunca se afogou; morreu de morte natural, aos noventa e dois anos. Conta-se, aliás, que se gabava de nunca ter estado sobre água, excepto numa ponte. Ao terminar o seu chá diário (jamais prescindia dele), costumava exprimir a sua indignação contra os marinheiros, que não faziam senão vagabundear. Em vão lhe objectavam que isso trazia muitas vantagens, entre as quais a importação do chá, ao que ela replicava, com maior ênfase, e muito convencida das suas razões: «Não deixam de vagabundear.»

Para que não me acusem também do mesmo pendor, voltarei à vaca-fria, isto é, às circunstâncias do meu nascimento.

Nasci em Blunderstone, Suffolk. Sou filho póstumo. O meu pai fechou os olhos à luz do mundo seis meses antes de eu abrir os meus. Era uma coisa estranha (e ainda hoje me parece) pensar que ele nunca me tinha visto, e mais estranha ainda lembrar-me de que o meu progenitor jazia sozinho sob uma laje branca do cemitério, na escuridão da noite, enquanto a nossa sala estava tépida, de fogão aceso, iluminada de velas e com as portas trancadas — ideia que se me afigurava o cúmulo da crueldade.

Uma tia do meu pai, por consequência minha tia-avó, de quem me ocuparei mais adiante, era o elemento principal da nossa família. A senhora Trotwood, ou senhora Betsey, como sempre lhe chamava a minha pobre mãe (quando conseguia dominar o terror que lhe causava essa tremenda personagem, o que raras vezes sucedia), fora casada com um homem mais novo, belo, mas não dessa beleza verdadeira que se diz vir do coração, pois era voz corrente que lhe infligia maus-tratos; e até certa vez, durante uma disputa de natureza económica, deliberara resolutamente lançá-la pela janela do segundo andar. Estas manifestações de incompatibilidade de génios levaram a senhora Betsey a querer libertar-se do marido e, de facto, seguiu-se a separação por mútuo consentimento. O homem embarcou para a Índia, com os bens de que dispunha, e ali, dando-se crédito a uma lenda divulgada na família, apareceu uma

vez montado num elefante e acompanhado de um babuíno, mas eu penso que devia ser um *baboo*<sup>2</sup>, ou uma *begum*<sup>3</sup>. Fosse como fosse, passados dez anos chegou a notícia da sua morte. Não se sabe como a minha tia reagiu, pois logo após a separação retomou o apelido de solteira, comprou uma vivenda à beira-mar e aí se instalou e se manteve em isolamento rigoroso, na companhia de uma criada.

Outrora o meu pai fora o seu predilecto, segundo se dizia, mas o casamento do sobrinho ofendera-a deveras, tanto mais que considerava a minha mãe uma boneca de cera. Aliás, nunca a tinha visto: sabia apenas que era uma rapariga de menos de vinte anos. O meu pai e a minha tia não tornaram a encontrar-se. Ele tinha o dobro da idade da mulher quando se casaram; era de constituição delicada e morreu no ano seguinte, seis meses antes, como já disse, da minha vinda ao mundo.

Tal era a nossa situação nessa tarde de sexta-feira, que eu peço desculpa de julgar tão importante. Não pretendo ter sabido, nessa época, em que pé estavam as coisas, nem conservar a recordação, fundada no testemunho dos meus sentidos, do que vai agora seguir-se.

A minha mãe achava-se sentada junto do lume, enfraquecida e desalentada, olhando através das lágrimas e pensando na sua vida e na do pequenino ser que se anunciava para breve — quando, erguendo os olhos, enquanto os enxugava, viu pela janela uma desconhecida adiantar-se no jardim.

Ao segundo relance, a mãe pressentiu, sem sombra de dúvida, que era a tia Betsey. O Sol crepuscular, incidindo por cima da vedação do jardim, punha em evidência a dama, que se aproximava da porta da casa com um passo tão firme e uma expressão tão rígida que não podiam realmente pertencer a mais ninguém. Ao chegar, deu outra prova da sua identidade. O meu pai insinuara muitas vezes que ela quase nunca se comportava como um cristão normal. Nesse momento, em lugar de sacudir a campainha, veio espreitar pela janela, premindo o nariz contra a vidraça, com tanta força que logo ficou achatado e lívido, consoante mais tarde contou a minha mãe. Nesta, o caso produziu tão grande abalo que eu sempre me convenci de que devo à tia Betsey a circunstância de haver nascido numa sexta-feira.

Na sua agitação, a mãe levantou-se e contornou a cadeira, refugiando-se atrás dela, e a senhora Betsey, circunvagando o olhar lento e perscrutante, começou pelo lado oposto da saleta até se fixar na dona da casa: dir-se-ia uma cabeça de mouro num relógio de mesa. Então carregou o cenho e, como pessoa habituada a que lhe obedecam, fez um gesto para que se lhe abrisse a porta. A mãe cumpriu a ordem.

— É a viúva Copperfield, *creio* eu — disse a visita. A ênfase dada à frase aludia naturalmente ao vestido de luto e ao aspecto geral da minha mãe, que retorquiu:

— Sou, sim.

— E eu a tia Trotwood — continuou a dama. — Com certeza que já ouviu falar de mim.

A mãe respondeu que já tivera esse prazer; sentiu, porém, que o não exteriorizara suficientemente.

— Pois aqui me tem em carne e osso. — A minha mãe curvou a cabeça e convidou a senhora Trotwood a entrar.

Depois penetrou com ela na saleta, porque na sala de visitas o fogão estava apagado; na realidade, o lume nunca mais ali se acendera desde o enterro do meu pai. Uma vez ambas sentadas, a tia conservou-se calada, e a mãe, não podendo dominar-se mais, principiou a chorar.

— Hum — murmurou a outra. — Deixe-se disso. Então, então!

A minha mãe abandonou-se largamente à sua dor e a tia acabou por ordenar:

— Tire a touca, minha filha. Quero vê-la bem.

Muito assustada para recusar, a minha mãe obedeceu à estranha injunção, embora se não achasse muito disposta, e fê-lo com tal nervosismo que o cabelo, bonito e abundante, lhe cobriu a cara.

— Meu Deus! — exclamou a senhora Trotwood. — É ainda uma criança.

Na verdade, tinha um ar extremamente juvenil, mesmo para a idade. Baixou a cabeça, como se fosse culpada, e disse, soluçando, que de facto lastimava ser uma viúva tão nova, e em breve, se sobrevivesse, uma mãe inexperiente. Na curta pausa que se seguiu, teve a sensação de que a tia lhe tocara no cabelo, sem muita ternura; mas quando se endireitou, viu a dama, de aspecto carrancudo, sentada com a orla da saia erguida, as mãos cruzadas sobre os joelhos e os pés poisados no guarda-fogo.

— Por amor de Deus! — bradou a tia de repente. — Gralhas... porquê?

— Refere-se ao nome da casa? — perguntou a mãe.

— Gralhas, porquê? — insistiu o primeira. — Melhor seria «Casa das Grelhas», se a menina tivesse algum sentido prático da vida.

— Foi escolhido pelo meu defunto — volveu a mãe. — Quando comprámos a propriedade, ele pensou que devia haver gralhas por estes sítios.

Nesse instante o vento da tarde soprou com certa força entre os ulmeiros antigos do jardim, e as duas senhoras olharam para lá. As árvores

dobravam-se umas para as outras, quais gigantes que confiassem os seus segredos e, após uns momentos de repouso, foram de novo sacudidas por uma rajada violenta: agitaram as ramadas enormes, como se as últimas confidências fossem de facto demasiado atroz para que pudessem estar em paz. Alguns velhos ninhos de gralhas, dos ramos mais altos, despedaçados já, pareciam destroços de naufrágio num mar tempestuoso.

— Onde estão as aves? — inquiriu a senhora Trotwood.

— As quê? — A minha mãe pensava em coisas diferentes.

— As gralhas. Que é feito delas?

— Não tem havido desde que aqui estamos. Cremos... cria o meu marido... que deviam ser muitas, mas os ninhos estavam velhos e as aves abandonaram-nos há bastante tempo.

— David Copperfield dos pés à cabeça! — exclamou a tia. — Baptizar uma vivenda de «Casa das Gralhas» quando não havia uma só! Apenas porque tinha visto os ninhos!

— O senhor Copperfield já morreu, e se a senhora veio para dizer mal dele...

Imagino que a minha pobre mãe teve a momentânea intenção de agredir a tia, que aliás a reduziria à impotência só com um braço, ainda que a sobrinha não estivesse nessa tarde em tamanha inferioridade física. Todavia esse desejo depressa lhe passou: chegara a levantar-se da cadeira, mas tornou logo a sentar-se e perdeu os sentidos.

Quando os recobrou, ou quando a senhora Trotwood a reanimou, descobriu esta última, de pé, à janela. As sombras do crepúsculo adensavam-se cada vez mais, e elas mal se poderiam ver uma à outra sem a claridade débil do lume.

— E então? — perguntou a tia, voltando para o seu lugar, como se tivesse ido apenas dar uma vista de olhos à paisagem. — Para quando é que espera...?

— Sinto-me tão trémula! — murmurou, ofegante, a minha mãe. — Não estou em mim... Tenho a certeza de que vou morrer.

— Qual! — replicou a tia. — Tome uma gota de chá.

— Meu Deus, acha que isso me faria bem? — A mãe mostrava uma expressão bastante desanimada.

— Sem dúvida que sim. Isso tudo é simplesmente imaginação. Como se chama a rapariga?

— Sei lá se será rapariga! — redarguiu a interpelada, com o ar mais inocente do mundo.

— Não me refiro à criança — declarou a senhora Trotwood — mas à sua criada.